



**VOCABULÁRIO CONTROLADO EM RITUAIS KAINGANG: UMA CONSTRUÇÃO INSTRUMENTAL PARA ENFRENTAR A VIOLÊNCIA LINGÜÍSTICA E EPISTÊMICA NO SUL DO BRASIL**

**CONTROLLED VOCABULARY IN KAINGANG RITUALS: AN INSTRUMENTAL CONSTRUCTION TO FACE LINGUISTIC AND EPISTEMIC VIOLENCE IN SOUTHERN BRAZIL**

**Adriana Aparecida Belino Padilha de BIAZI<sup>1</sup>**

**Rodrigo de SALES<sup>2</sup>**

**Resumo:** Um dos povos originários que habitam a região sul e sudeste do país é o povo Kaingang, cuja língua pertence à família Jê, integrada ao tronco linguístico Macro-Jê. O povo Kaingang é o terceiro povo indígena mais populoso do Brasil. Este artigo tem por objetivo apresentar o desenvolvimento conceitual-terminológico de um vocabulário controlado bilíngue (Kaingang-Português) específico na área de rituais Kaingang. Os vocabulários controlados são Sistemas de Organização do Conhecimento (SOCs) que atuam em ambientes informacionais (tradicionais ou digitais) e operam como instrumentos capazes de representar e recuperar informações advindas de conhecimentos específicos. Para tanto, apoiamos-nos teórica e instrumentalmente na área da Organização do Conhecimento, especificamente no princípio categorial definido por Ranganathan, assim como na criação de categorias propostas a partir do próprio conhecimento Kaingang. Buscamos compreensão linguística e cultural a respeito dos rituais Kaingang respaldados por pesquisadores Kaingang e não-Kaingang que atuam nas áreas da Educação Intercultural Indígena, História, Antropologia e Pedagogia. Defendemos que a construção de vocabulários controlados voltados aos conhecimentos indígenas pode contribuir para a visibilização e disseminação desses conhecimentos e ajudar a enfrentar os apagamentos epistêmico e linguístico que assolam nossas culturas originárias.

**Palavras-chave:** Kaingang; Rituais Kaingang; Vocabulário controlado; Organização do conhecimento; Decolonialidade; Violência epistêmica.

<sup>1</sup> Doutoranda em História Global (PPGH) da Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC e bolsista CAPES. Integra o Laboratório de História Indígena- LABHIN.

<sup>2</sup> UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina – SC – Brasil. E-mail: rodrigo.sales.s@gmail.com.



**Abstract:** One of the original peoples that inhabit the South and Southeast of Brazil is the Kaingang people, whose language belongs to the Jê family, integrated into the Macro-Jê linguistic trunk. The Kaingang people are the third most populous indigenous group in Brazil. This article aims to present the conceptual-terminological development of a specific bilingual controlled vocabulary (Kaingang-Portuguese) in the area of Kaingang rituals. Controlled vocabularies are Knowledge Organization Systems (KOS) that perform in information environments (traditional or digital) and operate as instruments capable of representing and retrieving information arising from specific knowledge. To do so, we base our theoretical and instrumental strategy on Knowledge Organization, specifically on the categorical principle defined by Ranganathan, as well as on the creation of proposed categories based on Kaingang knowledge itself. We seek linguistic and cultural understanding of Kaingang rituals supported by Kaingang and non-Kaingang researchers who work in the areas of Indigenous Intercultural Education, History, Anthropology and Pedagogy. We argue that the construction of controlled vocabularies focused on indigenous knowledge can contribute to the visibility and dissemination of their knowledge and help to face the epistemic and linguistic erasures that plague our original cultures.

**Keywords:** Kaingang; Kaingang rituals; Controlled vocabulary; Knowledge Organization; Decoloniality; Epistemic violence.

## Introdução

A violência epistêmica, segundo a socióloga Rebeca Gaytán Zamudio (2018), opera tanto no processo de invisibilização de quem é oprimido, quanto na demasiada visibilização de quem é opressor, dando contornos a uma realidade de dominação colonial. Os saberes de uma cultura são produzidos, conservados e propagados por meio de manifestações da linguagem, e aqui nos concentramos em uma de suas principais manifestações – a língua.

No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), há 305 povos e etnias indígenas que falam 274 línguas diferentes. Entretanto, somente a língua dos colonizadores portugueses é dada como oficial no país. O monolinguismo oficializado no Brasil é, portanto, manifestação objetiva de uma violência linguística e epistêmica. Um dos povos originários que habitam a região sul e sudeste do país é o povo Kaingang, cuja língua pertence à família Jê, integrada ao tronco linguístico Macro-Jê. O povo Kaingang é o terceiro povo indígena mais populoso do Brasil.

Este artigo tem como objetivo apresentar a construção conceitual-terminológica de um vocabulário controlado bilíngue (Kaingang-Português) específico na área dos rituais Kaingang. Os vocabulários controlados são Sistemas de Organização do Conhecimento



(SOC) que operam como instrumentos que auxiliam na compreensão e recuperação de informações e conhecimentos específicos nos mais variados ambientes informacionais (tradicionais ou digitais).

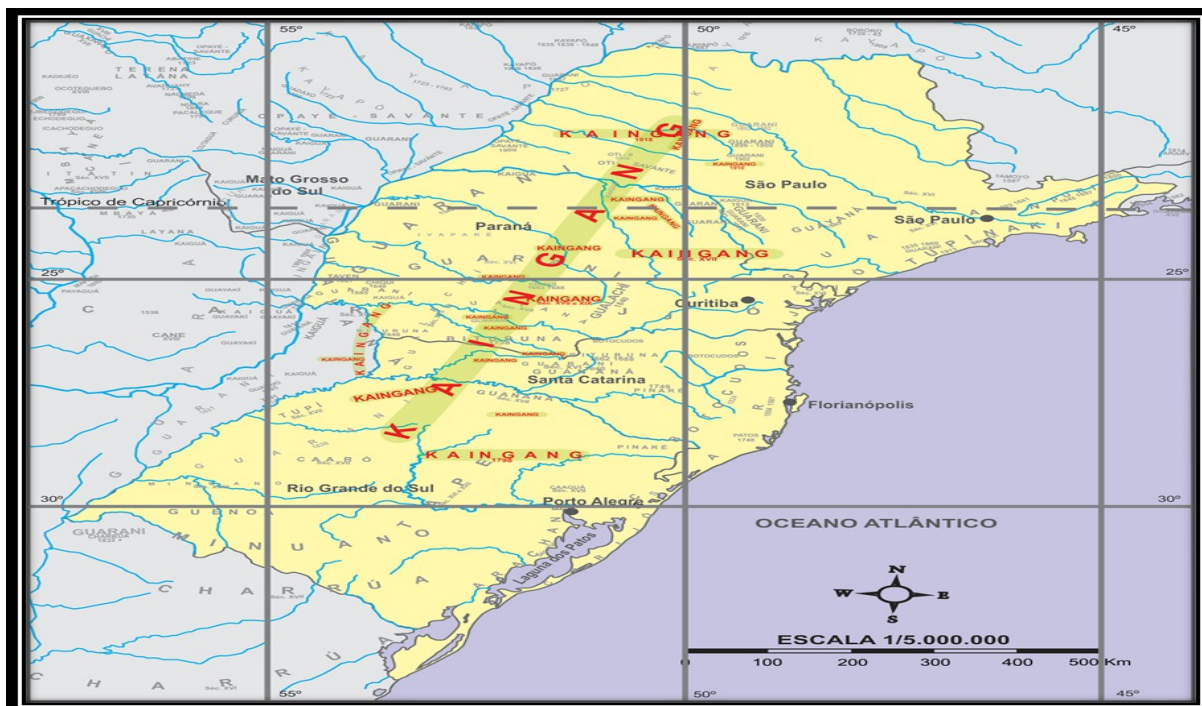
O desenvolvido conceitual e terminológico do Vocabulário Controlado em Rituais Kaingang se encontra em fase de finalização e está sendo construído por pesquisadores Kaingang e não-Kaingang das áreas de Educação Intercultural Indígena, História, Antropologia, Pedagogia, Biblioteconomia e Ciência da Informação, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O aporte teórico-instrumental para a realização deste estudo e para a construção do vocabulário provém da área da Organização do Conhecimento, mas especificamente de alguns princípios teóricos definidos pelo bibliotecário indiano Shiyali Ramamrita Ranganathan, no âmbito de sua abordagem de classificação facetada, e também da criação de novas categorias propostas pelo próprio conhecimento Kaingang.

Consideramos que a trajetória metodológica para a construção deste vocabulário Kaingang, que, em última análise, colocará em relevo um saber tradicional específico e uma língua negligenciada pelos ambientes informacionais brasileiros, pode contribuir para enfrentar a invisibilização epistêmica que assola e coloniza nossas culturas originárias.

Assim, o presente artigo foi construído a partir da pesquisa sobre o vocabulário controlado específico para rituais Kaingang, centralizando uma organização do conhecimento possível no ritual do *Kiki Koj*, um ritual que tem por finalidade homenagear os mortos das duas metades exogâmicas *Kamē* e *Kanhru*. O ritual é realizado pelos Kaingang em seus espaços territoriais no Sul do Brasil, desde o “rio Tiete, em São Paulo, até os campos do rio Uruguai, no Rio Grande do Sul. Seus limites a leste são as vertentes orientais da Serra do Mar e, a oeste, as barrancas do rio Paraná”<sup>3</sup>.

**Mapa 1:** Espacialização dos povos indígenas meridionais (SP, PR, SC e RS), com destaque para o povo Kaingang, reelaborado a partir de Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes de Curt Nimuendajú, 1944.

<sup>3</sup> MOTA, Lúcio Tadeu. **As guerras dos índios Kaingang**: a história épica dos índios Kaingang do Paraná (1769-1924). 2. ed. Maringá: Eduem, 2009. p.91.



Fonte: Elaborado por Carina S. de Almeida. Acervo LABHIN/UFSC, 2015.

## 2 Um olhar instrumental da Organização do Conhecimento: ênfase nos vocabulários controlados

A Organização do Conhecimento (OC) é um espaço investigativo ligado à área da Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) que se ocupa com o desenvolvimento de teorias, práticas e métodos capazes de promover a organização sistemática de conhecimentos oriundos das mais variadas áreas do saber. Muitos autores consideram a Organização do Conhecimento como um “fazer” de natureza “operacional” (GARCIA, OLIVEIRA, LUZ, 2000; GREEN, 2002; GARCÍA GUTIÉRREZ, 2002), voltado para a construção de instrumentos capazes de organizar sistematicamente o conhecimento (KENT, 2000; GREEN, 2002; ZHEREBCHEVSKY, 2010; SOUZA; TUDHOPE & ALMEIDA, 2010).

Dahlberg (1993, 1995, 2006 e 2014) e Hjørland (2003, 2008), numa perspectiva mais emancipatória, são autores que sustentam, no âmbito da *International Society for Knowledge Organization* (ISKO), o discurso de que a Organização do Conhecimento é um campo de estudo autônomo que pode ou não se relacionar com a Biblioteconomia e Ciência da



Informação. Brascher e Café (2008, p. 6-8) afirmam que a Organização do Conhecimento parte dos princípios contidos nos conceitos e constrói “modelos de mundo que se constituem em abstrações da realidade”, ou seja, é um processo de “modelagem do conhecimento que visa a construção de representações do conhecimento”.

Mas, a despeito da falta de consenso a respeito da definição da Organização do Conhecimento, fato é que a literatura científica apresenta um ponto em comum no que se referem às dimensões que compõem este espaço investigativo, pois, há uma dimensão processual, que se dedica ao desenvolvimento de técnicas e processos para se organizar o conhecimento e, uma dimensão instrumental, que se ocupa com a construção de sistemas e instrumentos capazes de representar o conhecimento. Neste estudo, nossa atenção está voltada especificamente à dimensão instrumental, que na virada do século XX para o século XXI se convencionou chamar de ‘sistemas de organização do conhecimento’ (SOCs).

Os sistemas de organização do conhecimento (SOCs) “abrange todos os tipos de esquemas que organizam e representam o conhecimento [...] são sistemas conceituais semanticamente estruturados que contemplam termos, definições, relacionamentos e propriedades dos conceitos”, como, por exemplo, vocabulários controlados, esquemas de classificação, taxonomias, tesouros e ontologias (CARLAN, MEDEIROS, 2011, p. 54).

Os SOCs são, segundo Bräscher e Café (2010), instrumentos que representam dado domínio de conhecimento por meio da formalização sistemática de relações semânticas de conceitos. O termo sistemas de organização do conhecimento foi proposto no âmbito do *Networked Knowledge Organization Systems Working Group*, em 1998, e se refere ao conjunto de instrumentos voltados à organização e representação do conhecimento, tais como sistemas de classificação, listas de cabeçalhos de assunto, arquivos de autoridade, taxonomias, vocabulários controlados, tesouros, mapas conceituais, redes semânticas e ontologias (HODGE, 2000). Cada um desses instrumentos possui formas distintas de representar o conhecimento. Os sistemas de classificação, por exemplo, sistematizam classes de assuntos e de conceitos, enciclopédicos ou especializados, a fim de proporcionar a recuperação temática de documentos/informações por meio de códigos classificatórios (FOSKETT, 1973; VICKERY, 1980). As listas de cabeçalhos de assunto, os vocabulários controlados e os tesouros, por sua vez, contribuem para a representação e para a recuperação de informações



por meio do controle terminológico, onde os assuntos e conceitos são representados em linguagem textual (DODEBEI, 2002; SALES 2008). As ontologias consistem em artefatos digitais que concedem especificações conceituais formalizadas para a representação de assuntos e conceitos de determinados domínios, pois lançam mão de algoritmos informáticos que viabilizam a operacionalização de regras de inferência (SALES e CAFÉ, 2009).

Todos esses instrumentos, que compõem juntos o rol dos sistemas de organização do conhecimento (SOCs), possuem o objetivo precípua de representar conhecimentos para fins de recuperação da informação, por isso, inserem-se naquilo que podemos chamar de perspectiva instrumental da Organização do Conhecimento. Nesse sentido, os SOCs cumprem o duplo papel de organizar e recuperar, ou seja, representam sistematicamente os assuntos, temas e conceitos existentes nas mais variadas áreas de conhecimento, a fim de organizar os conhecimentos veiculados nos documentos e informações para, posteriormente, propiciar a recuperação desses mesmos documentos e informações por meio de seus assuntos, temas e conceitos. Em outras palavras, operam como um elo temático entre as informações e os usuários das informações. Observamos, assim, que os SOCs têm a responsabilidade de representar conhecimentos para se recuperar informações.

Entretanto, o pragmatismo e o eficientismo da recuperação da informação não podem, a nosso ver, ser a tônica exclusiva do discurso relativo à Organização do Conhecimento. A Organização do Conhecimento precisa se responsabilizar pelos silenciamentos epistêmicos causados por seus instrumentos, silenciamentos esses que geram apagamentos históricos e injustiças sociais. Se essa dimensão instrumental da Organização do Conhecimento tem de fato autoridade técnica para representar saberes, assuntos e conceitos, ela imprescindivelmente precisa debater o compromisso ético que há por trás (e por todos os lados) do ato de representar conhecimentos. Tristemente, o que se verifica, não somente na Organização do Conhecimento, mas nas mais variadas áreas acadêmicas, é um avassalador privilégio dado aos saberes e conhecimentos vindos das culturas hegemônicas brancas eurocêntricas, ou de qualquer outro lugar dominante que esteja acima da Linha do Equador.

Para se discutir eticamente a Organização do Conhecimento, principalmente em sua dimensão instrumental, é necessário ir além das capacidades conceituais e tecnológicas viabilizadas pelos sistemas convencionais e informatizados, é definitivamente necessário ter



em conta realidades socioculturais distintas e enfrentar toda e qualquer forma de violência epistêmica.

Como dito anteriormente, a violência epistêmica, segundo Gaytán Zamudio (2018), opera tanto no processo de invisibilização de quem é oprimido, quanto na demasiada visibilização de quem é opressor, dando contornos a uma realidade de dominação colonial. Partindo da ideia de que os conhecimentos de uma cultura são produzidos, conservados e disseminados por meio de manifestações da linguagem, como a língua, é seguro afirmar que a invisibilização intencional de uma língua acarreta diretamente na invisibilização epistêmica de um conhecimento. O monolinguismo oficializado no Brasil, exemplo clássico de violência linguística e epistêmica contra o conhecimento produzido por 305 povos e etnias indígenas que falam 274 línguas que não são a língua portuguesa, precisa ser enfrentado pelos estudos também da Organização do Conhecimento, uma vez que a Organização do Conhecimento é responsável por representar o conhecimento que será recuperado no mundo da informação.

Num debate aprofundado sobre este assunto, uma língua não pode ser superficialmente entendida como mera forma de codificação e decodificação entre integrantes de sociedades comuns, mas sim como a concretização de pensamentos e conhecimentos.

Tomemos, por exemplo, os conhecimentos indígenas sobre plantas para uso medicinal. Segundo o biólogo e neurocientista Sidarta Ribeiro,

Povos originários costumam apresentar forte singularidade linguística para designar suas medicinas tradicionais, fazendo com que cada grupo seja único em suas riquezas culturais. Um estudo com indígenas da América do Norte, do noroeste da Amazônia e da Nova Guiné mostrou que mais de 75% de todas as 12.495 possibilidades de manejo de plantas medicinais são conhecidas apenas por um idioma (RIBEIRO, 2022, p. 31).

Observa-se, com o resultado da pesquisa mencionada acima, que a extinção (processo que pode ser fruto de um contínuo esforço de invisibilização e de sub-representação) de línguas de povos originários pode acarretar na extinção de conhecimentos medicinais e, como afirma Ribeiro (2022), pode acarretar no próprio colapso da biodiversidade.

Infere-se, de pronto, que o oficial monolinguismo presente no Brasil, que dá visibilidade e representatividade somente à língua portuguesa e, conseqüentemente, ao acultramento eurocêntrico, acarreta em silenciamentos e apagamentos de conhecimentos



oriundos de 305 povos originários, conhecimentos, esses, proferidos em 274 línguas diferentes. Quando uma língua é apagada, apaga-se também um saber.

Um dos povos originários que habitam a região sul e sudeste do Brasil é o povo Kaingang, cuja língua pertence à família Jê, integrada ao tronco linguístico Macro-Jê. Construir um vocabulário bilíngue (Kaingang-português), específico na área dos rituais Kaingang, é um esforço de representação e visibilização de um saber específico desse povo em sua própria língua. Para tanto, utilizamos de técnicas instrumentais próprias da Organização do Conhecimento conduzidas em parceria com acadêmicos e professores de comunidades Kaingang, de modo a desenvolver um vocabulário controlado sobre os rituais Kaingang. Em última análise, o que procuramos é visibilizar expressamente a representação desse conhecimento tradicional que, assim como incalculáveis conhecimentos indígenas, são colocados à margem das agendas tecno-científicas que fomentam os sistemas de informação Brasil a fora.

Tecnicamente, os vocabulários controlados são instrumentos que se destinam a controlar e sistematizar terminologias específicas para fins de recuperação da informação em ambientes responsáveis pela circulação e disseminação do conhecimento, estejam esses ambientes em formatos convencionais ou digitais. O vocabulário controlado, segundo Kobashi (2008), é uma espécie de linguagem artificialmente constituída que é composta por termos relacionados em uma estrutura conceitual e, via de regra, é elaborado para padronizar e facilitar a entrada e saída de informações em um sistema de informação. De acordo ainda com esta autora, os vocabulários controlados são instrumentos capazes de proporcionar a efetiva comunicação entre um sistema de informação (seja ele de uma biblioteca, de um arquivo, ou de um website) e seus usuários.

O vocabulário controlado, no panorama da linguagem, é considerado um “instrumento interlocutor entre as linguagens utilizadas pelos produtores da informação, os organizadores da informação em sistemas de recuperação e os utilizadores da informação” (AGUIAR; TALÁMO, 2012, p. 125).

Em suma, os vocabulários controlados são sistemas que procuram organizar terminologias de determinado conhecimento para que esse conhecimento seja acessado pela sociedade. Se um indivíduo acessa, por exemplo, um website (ou uma base de dados) para





obter informações sobre plantas medicinais, certamente ele obterá mais sucesso em sua busca se o website dispor de um vocabulário controlado sobre plantas medicinais para auxiliá-lo. Isso significa dizer que o elo entre o conhecimento e o usuário da informação, proporcionado pelos vocabulários controlados, pode consistir num verdadeiro facilitador de saberes.

Nesse sentido, o que propomos aqui, é justamente a construção de um elo (instrumento) que facilite a ligação de usuários da informação com os conhecimentos Kaingang, especialmente no que se referem aos seus rituais tradicionais. Colocar em relevo um conhecimento específico de um povo indígena, propiciando, inclusive, que este conhecimento seja disseminado nos mais variados sistemas de informação, é um ato de resistência contra o apagamento histórico que recai sobre este povo e contra a violência epistêmica que o assola.

Dentre as teorias que subsidiam a construção de sistemas de organização do conhecimento, como os vocabulários controlados, a Teoria da Classificação Facetada desenvolvida pelo matemático e bibliotecário indiano Shiyali Ramamrita Ranganathan tem alcançado, desde as primeiras décadas do século XX, grande repercussão acadêmica. Na abordagem de Ranganathan, o conhecimento passaria a ser organizado e classificado não mais a partir de uma lógica *top-down* (do assunto mais geral para o mais específico), mas sim a partir de uma lógica *bottom-up* (partindo do mais específico para o mais geral) (SALES, 2016). Assim, Ranganathan criava uma abordagem de organização do conhecimento que procurava identificar os aspectos particulares que cada assunto possuía, no intuito de melhor compreender os assuntos complexos. A esses aspectos particulares de cada assunto, Ranganathan deu o nome de facetas, dando vez à chamada abordagem ou classificação facetada.

Entretanto, para organizar as inúmeras facetas que cada assunto poderia ter, Ranganathan definiu cinco categorias fundamentais que serviriam de horizonte teórico para a organização dos assuntos, são elas: personalidade (P), matéria (M), energia (E), espaço (S) e tempo (T) (RANGANATHAN, 1967, 1976). Segundo Ranganathan, todos os assuntos continham facetas que manifestavam alguma dessas categorias. Tais categorias, até hoje, são empregadas na construção de sistemas de organização do conhecimento para fins de ordenação de termos e conceitos.



De forma bastante sintetizada, as categorias de Ranganathan podem ser explicadas da seguinte maneira:

- Personalidade – refere-se ao aspecto mais central (a coisa em si do que está se falando); pode se referir a um tema, uma pessoa, um grupo de pessoas, uma crença, uma obra, um objeto, uma instituição, um discurso etc. Segundo o próprio Ranganathan (1967), a manifestação da categoria ‘personalidade’ muitas vezes pode ser identificada por exclusão, ou seja, se não se enquadrar em nenhuma das categorias seguintes, provavelmente se tratará de uma personalidade.
- Matéria – refere-se aos aspectos materiais/ferramentais, e também se refere ao "do que as coisas são feitas". Por exemplo: a caneta pode ser considerada matéria da escrita, assim como o livro pode ser matéria da leitura. Mas, também, a uva pode ser a matéria do vinho, assim como o leite é matéria do queijo.
- Energia – refere-se a um acontecimento, uma ação. Por exemplo: dançar, processar, educar ou, ainda, um ritual, um show, uma festa, uma cena de filme, a composição de uma música etc.
- Espaço – refere-se a locais em geral, pode ser desde uma escola ou um sítio até um país, uma região etc.
- Tempo – refere-se tanto a datas e horas quanto a séculos, décadas ou estações do ano, noite e dia etc.

No entanto, cientes de que as categorias ranganathanianas não dão conta de organizar todos os conhecimentos, muito menos conhecimentos tradicionais indígenas, procuramos compreender um pouco mais sobre a cultura Kaingang, especialmente sua língua e seus rituais, de modo a nos abirmos para a identificação de nova(s) categoria(s), pensada(s) a partir do próprio conhecimento Kaingang.

### **3 Cultura Kaingang**

A diversidade cultural que existe entre os povos indígenas é centrada em muitos elementos característicos. A cultura indígena são saberes e conhecimentos que envolve a tradição, rituais, xamanismo, espiritualidade, costumes, vivencias, educação indígena,



cosmologia, artesanatos, pinturas, grafismos, dança, cantos e a língua. Todos estes elementos, entre outros, constituem a identidade cultural indígena, a forma como cada um se identifica como um ser indígena pertencente a um povo que possui sua língua indígena, sua oralidade. Adam Kuper (2002) já descrevia sobre estes elementos que envolvem a cultura indígena e como todos eles se relacionam, afirmando não ser possível a separação de tais elementos, ou seja, não poderiam ser examinados isoladamente. O entendimento a respeito da cultura indígena se dá por meio da compreensão de que todos esses elementos coexistem e se complementam, significam conjuntamente, possuindo sentidos específicos para cada povo indígena.

A cultura indígena está em constante transformação e se adapta com à realidade vivida pelos povos originários. Como já dizia Jonh Monteiro (1995), quando se fala de cultura, volta-se para a aculturação, ao pensar o indígena dos tempos coloniais. Na atualidade, o indígena existe e resiste a todos estes processos colonizadores, a cultura segue o caminho com o indígena mantendo a tradição das histórias escritas e das histórias orais. Cultura, neste cenário, é todo um contexto que se refere ao modo de viver e de compartilhar saberes ancestrais, que atravessam o tempo e se encaixam na realidade vivida do povo indígena.

E a fala de Ailton Krenak (1992) é marcante quando descreve sobre as centenas de livros que guardam a memória da humanidade, “entre a história e memória, eu prefiro ficar com a memória”, pois memória, oralidade e cultura indígena formam um conjunto de atribuições dos significados que se pode perceber dentro das comunidades indígenas e nas suas respectivas tradições. No contexto do povo Kaingang, se percebe esta riqueza quando envolve a língua Kaingang, sendo uma das línguas com maior número de falantes entre as línguas indígenas do Brasil.

A manifestação da cultura acontece por meio da língua Kaingang, com as músicas e danças, e isso também é uma forma de resistência e preservação. Muitos saberes culturais são aprendidos a partir da língua Kaingang e de sua oralidade, mesmo que haja cinco dialetos da língua, como consta no dicionário de língua Kaingang e Português de Úrsula Goitej Weisemann (2002). A cultura e os saberes tradicionais são semelhantes, pois tudo que se aprende dentro da comunidade indígena é o que constitui ao longo das vivências a identidade cultural.



Em algumas terras indígenas, o saber é transmitido primeiro pela língua portuguesa e depois pela língua Kaingang, e isso varia muito de comunidade para comunidade. Na terra indígena de Inhacorá e Guarita, por exemplo, de acordo com D'Angelis e Cipriano (2020), as crianças vão para a escola falando somente a língua Kaingang e aprendem o português na escola. Em outras terras indígenas, como é o caso da Xapecó, as crianças vão para a escola falando o português (algumas falam os dois idiomas) e aprendem mais sobre a língua Kaingang na escola. É importante aqui ressaltar a relevância do papel que a escola cumpre dentro da comunidade indígena, fundamental para a transmissão dos saberes tradicionais da cultura do povo Kaingang por meio da oralidade na língua.

A língua Kaingang é um dos exemplos que se pode ter sobre esta diversidade cultural existente nas comunidades indígenas, pois uma parte dos saberes que são descritos como segredos circula na comunidade pela oralidade na língua Kaingang, somente quem compreende, escuta e fala a língua conseguirá acessar tais saberes e segredos. Percebe-se, assim, a complexidade que este saber tradicional tem e o quão indescritível pode ser às pessoas não-Kaingang. Há alguns exemplos que foram citados em textos sobre o que é cultura indígena Kaingang, mas estamos cientes de que há muitos significados próprios de interpretação e de visão de mundo quando se trata deste tema de cultura indígena. A importância da língua Kaingang falada nas comunidades é essencial quando nos reportamos a saberes da espiritualidade, das cosmologias e do xamanismo, pois existem muitos conhecimentos que não podem ser traduzidos para a língua portuguesa. Desta forma o valor cultural da língua é preservado com suas riquezas e compreensões de mundo.

Notamos, assim, que a língua Kaingang é fundamental na transmissão dos saberes tradicionais que envolve todo o contexto da cultura, ela permanece forte e enraizada na memória dos nossos *Kófas*<sup>4</sup>, que transmitem esses saberes somente pela oralidade da língua Kaingang, valorizando a cultura nos tempos de hoje. A oralidade Kaingang é fundamental para que se possa compreender esta relação dos humanos com os não-humanos (CRÉPEAU, 1997), entender a importância da identidade Kaingang que vai sendo constituída dentro da comunidade, reafirmando a cultura através de elementos que podem ser variados. Vale destacar que a educação formalizada pelas escolas em terras indígenas é uma ferramenta de

---

<sup>4</sup> Significado na língua Kaingang: é quando nos referenciamos aos nossos mais velhos, os sábios da comunidade.



grande importância para o respeito e valorização da cultura indígena, por isso, a Lei 11.645/2008 é pauta urgente nas discussões sobre a cultura indígena do Brasil, principalmente do povo Kaingang.

### 3.1 Língua Kaingang

Como dito anteriormente, a língua Kaingang é uma língua indígena pertencente à família linguística “Jê”, conhecidos também como os Jê do Sul. Além de ser uma língua indígena geral, dentro deste sistema há dialetos de acordo com a região e estado em que os Kaingang estão localizados. Segundo Weisemann (2002, p. 8), o dicionário de Língua Kaingang e Língua Portuguesa foi elaborado com a ajuda de indígenas e a orientação dos dialetos encontrados nas regiões de suas localidades territoriais.

Também tratou-se de uma certa harmonização dos cinco dialetos identificados no dicionário de 1971 como:

- o dialeto **São Paulo**, falado ao norte do rio Paranapanema, no Estado de São Paulo;
- o dialeto **Paraná**, falado na área compreendida entre os rios Paranapanema e Iguaçu;
- o dialeto **Central**, falado na área entre os rios Iguaçu e Uruguai;
- o dialeto **Sudoeste**, falado ao sul do rio Uruguai e ao oeste do rio Passo Fundo;
  - o dialeto **Sudeste**, falado ao sul do rio Uruguai e ao leste do rio Passo Fundo.

Sendo o terceiro maior povo indígena do Brasil, encontram-se entre os estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A língua Kaingang, ou sua expressão oral, é fundamental para transmitir os saberes ancestrais do povo. A oralidade Kaingang é importante para a (re)existência e o fortalecimento da língua, assim como a cultura e a tradição do povo. Como afirma Casé Angatu (2015), a oralidade é um dos principais caminhos para entendermos sobre o passado, presente e futuro dos povos indígenas, sendo a língua um patrimônio cultural.

A expressão oral é fundamental para nós Kaingang, é através da memória viva e da oralidade que são transmitidos os saberes ancestrais do povo. Desde pequenas, as crianças aprendem muito através da oralidade Kaingang. Em algumas terras indígenas mais do que em outras, levando em consideração a realidade da expressão oral na língua, é sempre ressaltada a valorização e importância sobre a questão em relação ao fortalecimento envolvendo a nossa cultura.



Valmir Cipriano, professor Kaingang do Rio Grande do Sul, em seu trabalho desenvolvido na Licenciatura Indígena da Universidade Federal de Santa Catarina, ressaltou a riqueza do trabalho do professor na alfabetização em língua Kaingang e em língua portuguesa, e como isso interfere no aprender da criança na fase dos primeiros anos, já que são falantes da língua Kaingang e aprendem na escola mais do universo da língua portuguesa. Cientes das diferenças dialetais da língua, destaca-se aqui os estudos de Wiesemann (1978, 2002), especialmente quando se comparam a oralidade e a escrita dos Kaingang dos estados em que se encontram, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Juan Ambrosetti (1895) destaca a forma de expressão oral dos Kaingang localizados em Misiones, na Argentina, comparando-a com a forma de falar dos Kaingang do Paraná. A palavra “cachorro”, para os Kaingang de Misiones, é hon-hon, já para os Kaingang do Rio das Cobras (Paraná) é Kasór, uma palavra aportuguesada. Este aportuguesamento é bem recorrente em algumas terras indígenas de Santa Catarina. O empréstimo do português em junção com a língua Kaingang é algo decorrente da separação dos grupos maiores, que reduziu e separou a população Kaingang entre os quatro estados da região sul do Brasil, no decorrer de milhares de anos (RODRIGUES, 1986).

Atualmente o povo Kaingang soma aproximadamente 37.470 indivíduos e a língua Kaingang é falada em cerca de 30 terras indígenas, contando com a língua Laklãnõ/Xokleng, do mesmo tronco linguístico Macro-jê (IBGE, 2022). São falantes da língua Kaingang aproximadamente 22 mil pessoas, contadas a partir de crianças maiores de 5 anos (D’ANGELIS, 2012). Importante frisar que a forma de escrita da língua Kaingang já foi comparada com algumas aproximações com a língua Guaraní e Laklãnõ/Xokleng, como mostra os estudos de Borba (1908), Hanke (1947), Gakran (2005) e Bandeira (2014).

### **3.2 Rituais Kaingang**

Na cultura Kaingang, existem alguns rituais que seguem a relação de complementação tocante às marcas *êg rá*, fundamentais para se compreender o universo ritualístico e espiritual. Assim, voltamo-nos aos estudos de etnólogos e historiadores que destacaram o surgimento das marcas *êg rá* com a história da origem do povo Kaingang, a fim de entender melhor esta cosmologia.



Segundo o etnólogo Curt Nimuendajú (1993, p. 58-9), os primeiros da nação Kaingang saíram do chão, por conta disso ressalta esta ligação que já possuem com o território ou com o que chamam de “mãe terra”.

A tradição dos Kaingang conta que os primeiros desta nação saíram do chão, por isso eles tem a cor da terra. Numa serra no sertão de Guarapuava, não sei bem aonde, dizem eles que até hoje se vê o buraco pelo qual eles subiram. Uma parte deles ficou em baixo da terra onde eles permanecem até agora, e os que cá em cima morrem vão se juntar outra vez com aqueles. Saíram em dois grupos, chefiados por dois irmãos por nome. *Kanerú* e *kamé*, sendo que aquele saiu primeiro. Cada um já trouxe um número de gente de ambos os sexos. Dizem que *Kanerú* e a sua gente toda eram de corpo fino, peludo, pés pequenos, ligeiros tanto nos seus movimentos como nas suas resoluções, cheios de iniciativa, mas de pouca persistência. *Kamé* e os seus companheiros, ao contrário, eram de corpo grosso, pés grandes, e vagarosos nos seus movimentos e resoluções. Como foram estes dois irmãos que fizeram todas as plantas e animais.

Além desta versão descrita pelo etnólogo, outros pesquisadores registraram, a partir da história oral, outras narrativas que descrevem com mais detalhes este surgimento e da relação do povo com o mundo ao seu redor, desta comunicação espiritual humana e não-humana com os animais. Telêmaco Borba (1908, p. 20-1), em sua pesquisa com os Kaingang do Paraná, descreveu a seguinte narrativa de surgimento (dado o valor histórico deste registro, gostaríamos aqui de colocá-lo integralmente):

Em tempos idos, houve uma grande inundação que foi submergido toda a terra habitada por nossos antepassados. Só o cume da serra Crinjjimbé emergia das agoas. Os Caingangues, Cayurucrés e Camés nadavam em direção a ella levando na bocca achas de lenha incendiadas. Os Cayurucrés e Camés cançados, afogaram-se, suas almas foram morar no centro da serra. Os Caingangues e alguns poucos Curutons, alcançaram a custo o cume de Crinjjimbé, onde ficaram, uns no solo, e outros, por exiguidade de local, seguros aos galhos das árvores, e alli passaram muitos dias sem que as agoas baixassem e sem comer, já esperavam morrer, quando ouviram o canto das saracuras que vinham carregando terra em cestos, lançando-a à agoa que se retirava lentamente. Gritaram elles às saracuras que se apressassem, e estas assim o fizeram, amiudando também o canto e convidando os patos a auxiliá-las, em pouco tempo chegaram com a terra ao cume, formando como que um açude, por onde sahiram os Caingangues que estavam em terra; os que estavam seguros aos galhos de arvores, transformaram-se em macacos e os *Curutons* em bugios. As saracuras vieram com seo trabalho, do lado donde o sol nasce, por isso nossas agoas correm todas ao Poente e vão todas ao grande Paraná. Depois que as agoas seccaram, os *Caingangues* se estabeleceram nas immediações de *Crijjimbé*. Os *Cayurucrés* e *Camés*, cujas almas tinham ido morar no cento da serra, principiaram a abrir caminho pello interior dela, depois de muito trabalho chegaram a sahir por duas veredas, pela aberta por *Cayurucrê*, brotou um lindo arroio, e era toda plana e sem pedras, dahi vem elles conservado os pés pequenos outro tanto não aconteceu a *Camé*, que abriu sua vereda por terreno pedregoso, machucando elle, eos seos, os pés que incharam na marcha, conservando por isso grandes pés até hoje. Pelo caminho que abriram não brotou agoa e, pela sede, tiveram de pedil-a a *Cayurucrê* que consentio que a bebessem quanto necessitassem. Quando sahiram da serra



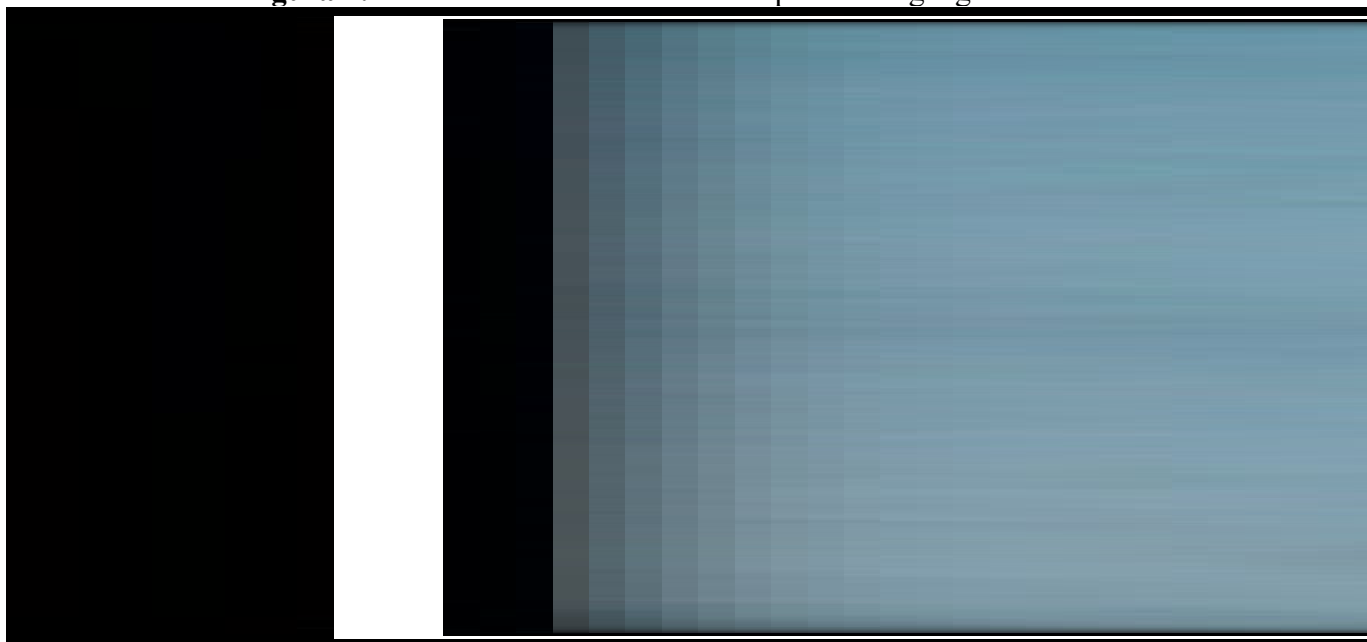
mandaram os *Curutons* para trazer cestos e cabaças que tinham deixado em baixo, estes, porém, por preguiça de tornar a subir, ficaram allí e nunca mais se reuniram aos *Caingangues* por esta razão, nós, quando os encontramos, os pegamos como nossos escravos fugidos que são. Na noite posterior à sahida da serra, atearam fogo e com a cinza e carvão fizeram tigres, *Ming*, e disseram a elles: - vão comer gente e caça; estás, porém, não tinham sahido com os ouvidos perfeitos, e por esse motivo não ouviram a ordem, perguntaram de novo o que deviam fazer, *Cayurucré*, que já fazia outro animal disse-lhes gritando e com Mao modo; vão comer folha e ramos de arvore, desta vez ellas, ouvindo, se foram: eis a razão por que as antas só comem folhas, ramos de arvores e fructas. *Cayurucré* estava fazendo outro animal, faltava ainda a este os dentes, lingoa e algumas unhas, quando principiou a amanhecer, e, como de dia não tinha poder para fazel-o, poz lhe às pressas uma varinha fina na bocca e disse-lhe: - você, como não tem dente, viva comendo formiga-; eis o motivo porque o tamandoá, *loty* é um animal inacabado e imperfeito. Na noite seguinte continuou e fel-os muitos, e entre elles as abelhas boas. Ao tempo que *Cayurucré* fazia estes animaes, *camé* fazia outros para os combater, fez os leões americanos (*mingcoxon*), as cobras venenosas e as vespas. Depois de concluído este trabalho, marcharam a reunir-se aos *Caingangues*, viram que os tigres eram maos e comiam muita gente, então na passagem de um rio fundo, fizeram uma ponte de um tronco de arvore e, depois de todos passarem, *Cayurucré* disse a um dos *Camé*, que quando os tigres estivessem na ponte puxassem esta com força, afim de que elles cahissem na agoa e moresem; assim fez o de *Camé*, mas, dos tigres, uns cahiram a agoa e mergulharam, outros saltaram ao barranco e seguraram-se com as unhas, o de *Camé* quis atiral-o de novo ao rio, mas, como os tigres rugiam e mostravam os dentes, tomou-se de medo e os deixou sahir: eis porque existem tigres em terra e nas agoas. Chegaram a um campo grande, e reuniram-se aos *Caingangues* e deliberaram cazar os moços e as moças. Cazaram primeiro os *Cayurucrés* com as filhas dos *camés*, estes com as daquelles, e como ainda sobravam homens, cazaram-se com as filhas dos *Caingangues*. Dahi vem que, *Cayurucrés*, e *Camés* e *Caingangues* são parentes e amigos.

Os rituais Kaingang são fundamentados a partir da história de origem e das suas marcas exogâmicas *Kamē* e *Kanhru*. Este universo cosmológico é como um círculo, o que está ao lado possui significado e está ligado ao grande ritual chamado por nós de *Kiki Koj*, que é um ritual de homenagem aos mortos das duas marcas exogâmicas Kaingang. A figura abaixo, mostra as duas marcas exogâmicas e seus subgrupos, que foram criados em decorrência da importância do ritual *Kiki Koj* dentro da sociedade indígena Kaingang.





**Figura 1:** Desenho das marcas tribais do povo Kaingang.



**Fonte:** BIAZI & ERCIGO (2014, p.30). Acervo pessoal.

Segundo Biazzi (2019), o ritual do *Kiki Koj* está na memória, faz parte da sua identidade indígena, são saberes que percorrem um caminho longo da história a partir da oralidade, seja ela transmitida na comunidade pelos *Kófas* ou através da escola indígena e dos professores bilíngues.

Através da minha memória, o *Kiki Kóy*, o culto aos mortos teve origem desde a origem do povo, quando os dois grupos *Kamē* e *Kanhru*, surgiram da terra, logo então, andaram para conhecer aquele mundo novo, quando em meio a mata avistaram os animais ao redor de fogos, cantando e rezando, fazendo sons com os chocalhos feitos de porungos, um som que transmitia em sintonia com a rezas e cânticos dos animais, que estavam ali fazendo um tipo de ritual. No mundo dos animais, ou no tempo em que os animais falavam, eles já faziam seu próprio ritual de culto aos mortos, e os *Kamē* e *Kanhru*, observando a forma que os animais faziam, passaram a imitar tudo o que os animais faziam. Como tudo ao nosso redor tem as marcas exogâmicas, os Kaingang começaram a fazer o ritual do culto aos mortos, sabe-se que para acontecer o *Kiki Koy* é necessário que tenha falecido pessoas das duas marcas, ou seja, *Kamē* e *Kanhru*. O ritual acontece quando os familiares das duas marcas, procuram os *Kujás*<sup>5</sup> Kaingang e a liderança (cacique), para marcarem e se organizarem para fazerem o ritual, que acontece entre os meses de março até maio, é neste período que os espíritos encontraram o caminho para o

<sup>5</sup> Os *Kujás* são pessoas tanto da marca tribal *Kamē* quanto *Kanhru*, são líderes espirituais, que ajudam a proteger a comunidade de doenças, além de outras coisas que são ruins para nós Kaingang, ele é um mediador entre os mundos dos humanos e não-humanos. São conhecido também pelo nome de “pajé”, “curandor” ou “xamã” a denominação depende do grupo indígena que os reconhece por outros nomes. In: BIAZI, 2017.



*Nūme*<sup>6</sup>. Se for necessário acontece todo ano, mas isso depende muito, se houver falecidos das duas marcas *Kamē* e *Kanhru*, o ritual acontece, além disso, há uma organização que busca fazer contato com *Kujás*, rezadores, *Kófas* Kaingang de outras Terra Indígenas para estarem ajudando a organizar os 3 dias de festa/ritual. Os organizadores do *Kiki Koy* sempre alertam que o ritual se deve fazer certo, ou seja, de forma correta semelhante ao que foi aprendido com os animais, se não algo de ruim acontece com aquela aldeia ou Terra Indígena que está realizando o ritual (BIAZI, 2019, p. 11).

Desde o primeiro ciclo de vida<sup>7</sup>, o nascimento, já são feitos rituais de purificação do corpo e do espírito da criança, logo, o batismo nas águas santas do Monge São João Maria é o ritual principal que destaca o nascimento, vejamos:

O batismo nas águas santas ainda acontece na TIX, apesar de muitas influências, boa parte da população crê no poder que as águas possuem, o batismo é importante para a espiritualidade do *kujá* e das crianças, as águas proporcionam uma resistência ao corpo que fica livre de certas doenças que aflige as pessoas, principalmente quando é recém-nascido, pois o corpo está em construção e precisa de proteção espiritual para se desenvolver com saúde. Como cita Terezinha Guerreiro Ercigo (2014, p.9), em entrevista, seu Cezário Pacífico conta que “São João Maria sempre dizia para o seu pai, quando os filhos de vocês nascerem vocês sempre batizem eles nessas águas santas, fazendo isso eles nunca ficarão doentes e vão crescer com saúde muito boa” (BIAZI, 2017, p. 128).

Além disso, há outro ritual que conecta com o ritual do *Kiki Koj*, é o ritual da viúva, descrito pelos Kaingang Derli Bento e Solange Emilio, no trabalho desenvolvido na Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, da Universidade Federal de Santa Catarina.

O ritual da viúva começa quando é anunciada a família que o marido da mulher faleceu, todo índio kaingang além de sua casa de capim<sup>1</sup>, também tinha um galpão onde ele fazia seu fogo de chão e contava histórias para seus filhos e netos. Era para lá que os responsáveis pelo ato fúnebre o levavam quando falecia, quem o levava eram homens ou mulheres que eram preparados para esse fim e que também possuem as duas marcas do povo kaingang, esses são os *pěj*, pois somente eles podem tocar no falecido (BENTO; EMILIO, 2014, p. 5).

Há muitos outros rituais que fazem parte da cultura Kaingang e da sua tradição ancestral, alguns ficam somente na memória e também na prática entre o povo, são detalhes

<sup>6</sup> Esta palavra teve modificação na sua escrita, antes era escrito *Nūgme*, pois seguia o que havia sido publicado pelos pesquisadores não indígenas que escreveram em suas pesquisas esta palavra. Em 02/10/2019, nas minhas entrevistas de pesquisa de campo, foi corrigido juntamente com o *Kujá* e professor Claudemir Pinheiro de acordo com o dialeto Kaingang da Terra Indígena Xapecó/SC. Em diante passa a ser escrito *Nūme*: que significa mundo dos espíritos. (Grifos Adriana A B P de Biazi).

<sup>7</sup> Para saber mais sobre o ciclo de vida Kaingang ver: NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe. **O ciclo de vida Kaingáng**. Florianópolis. . Ed. Imprensa universitária da UFSC. 2004.



que muitas vezes não se têm a permissão de revelar através da escrita e publicação em artigos ou trabalhos acadêmicos, estes saberes ficam em circulação somente entre os Kaingang.

#### **4 Desenvolvimento do Vocabulário Controlado em Rituais Kaingang**

A partir dos estudos realizados a respeito dos instrumentos de organização do conhecimento e dos aspectos culturais que envolvem a língua e os rituais Kaingang, especialmente o *Kiki Koj*, a construção do vocabulário controlado está sendo realizada em cinco etapas: 1) levantamento terminológico; 2) tradução dos termos Kaingang para o português; 3) ordenação alfabética em Kaingang e português; 4) organização sistemática em categorias e; 5) elaboração de uma rede de remissivas. Até o presente momento já foram levadas a cabo as três primeiras etapas, e encontra-se em fase de execução a quarta etapa, de categorização terminológica. A quinta etapa, que se refere à elaboração de uma rede de remissivas, está em fase de planejamento.

##### *4.1 A construção em andamento: resultados parciais*

Na etapa correspondente ao levantamento terminológico, auxiliados por pesquisadores e professores Kaingang das áreas de Educação Intercultural Indígena, História, Antropologia e Pedagogia, elaboramos uma lista de termos relacionados aos rituais Kaingang, sobretudo do *Kiki Koj*, e selecionamos aqueles que poderiam ser tornados públicos, respeitando a tradição do saber Kaingang. Esta seleção dos termos permitidos a serem publicados foi supervisionada pelo professor Kaingang João Sagrinso Emílio, da Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhkrê, situada na Terra Indígena Xapecó, na Aldeia Sede, e pela professora Kaingang Terezinha Guerreiro Ercigo, da Escola de Ensino Fundamental Paiol de Barro, situada na Terra Indígena Xapecó, aldeia Paiol de Barro. Nesta etapa, 51 termos relacionados aos rituais Kaingang foram elencados para compor o vocabulário controlado.

Após a seleção dos termos correspondentes aos rituais, novamente auxiliados pelos mesmo professores e pesquisadores, ligados também à Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC, partimos para as traduções dos termos, originalmente em Kaingang, para a língua portuguesa, assim como os arranjamos alfabeticamente em ambos os idiomas, conforme pode ser observado no Quadro 1.



**Quadro 1: Arranjo Alfabético (Kaingang-Português)**

Ordem alfabética em Kaingang	Ordem alfabética em português
Fág: Araucária	Aldeia: Iamã sī
Iamã sī: Aldeia	Apito: Ki Húnh Fã
Jagrē: Guias espirituais	Araucária: Fág
Jēnky mág: Boca grande ou marca redonda	Bebidas: Kron kron ge
Kamē: Marca exogâmica comprida	Boca grande ou marca redonda: Jēnky mág
Kanhru: Marca exogâmica redonda	Cachaça: Goj fa
Ki Húnh Fã: Apito	Cânticos: Tÿntÿnh
Kiki Koj: Ritual aos mortos	Carvão: Prág
Kófas: Velhos	Cemitério: Vēnhkej
Kokéj: Cocho	Cocar: Krī kãfi
Kujá: Curandor/Rezador	Cocho: Kokéj
Kuty: Noite	Colar: Núg kãfi
Kruj: Cruz	Comidas: Vējēn
Nēn: Mata	Copo: Ki kron fē
Néruj: Sete sangria	Chocalho: Sygsy
Nēn Tãn: Dono da mata	Curandor: Kujá
No sī: Zarabatana	Cruz: Kruj
Péj: Rezador	Danças: Vēnégrēn grēn
Pī: Fogo	Dono da mata: Nēn Tãn
Pó Krī: Ramos de plantas	Espíritos: Vēnhkuprīg
Prág: Carvão	Estrela: Krīg
Prÿg Ki Katfėj Vár Fē: Outono	Etnia: Kaingang
Prÿg Kusa: Inverno	Fogo: Pī
Ránrán: Pinturas	Guias espirituais: Jagrē
Rá nynor: Marca comprida	Inverno: Prÿg Kusa
Sygsy: Chocalho	Lona para cobrir o cocho: Kri fan fē
Vēnhkagta: Remédio	Madeira: Kujé mág
Vēnhkuprīg: Espíritos	Mata: Nēn
Vēnhkej: Cemitério	Marca comprida: Rá nynor
Turu: Sopro	Marca exogâmica comprida: Kamē
	Marca exogâmica redonda: Kanhru



Fág ró: Nó de Pinho	Mel de abelha: Mÿg mÿgmysy
Fi fÿ: Mulher que chora	Madrugada: Kurã ge
Vējēn: Comidas	Mulher que chora: Fi fÿ
Kron kron ge: Bebidas	Nó de pinho: Fág ró
Pāvėj: Samambaia	Noite: Kuty
Kurã ge: Madrugada	Outono: Prÿg Ki Katfėj Vár Fē
Krīg: Estrela	Pinturas: Ránrán
Hũ ter naj fē: Tûmulo	Ramos de plantas: Pó Krī
Tÿntÿnh: Cânticos	Religião: Há han fē
Vēnégrēn grēn: Danças	Remédio: Vēnhkagta
Mÿg mÿgmysy: Mel de abelha	Rezador: Péj
Goj fa: Cachaça	Ritual aos mortos: Kiki Koj
Kri fan fē: Lona para cobrir o cocho	Samambaia: Pāvėj
Kujé mág: Madeira	Sete sangria: Néruj
Ki kron fē: Copo	Sopro: Turu
Krī kãfi: Cocar	Território: Ēmã
Núg kãfi: Colar	Tronco do pinheiro: Fág nér
Fág nér: Tronco do pinheiro	Tûmulo: Hũ ter naj fē
Há han fē: Religião	Velhos: Kófas
Ēmã: Território	Zarabatana: No sī
Kaingang: Etnia, povo indígena	

**Fonte:** Elaborado por Adriana Biazi, João Emílio e Terezinha Ercigo, 2022.

A etapa relativa à organização sistemática dos termos está sendo teoricamente subsidiada por lógicas categoriais inspiradas por dois contextos diferentes: a abordagem facetada de Ranganathan, da qual nos valem das categorias personalidade (P), matéria (M), energia (E), espaço (S) e tempo (T) e, a abordagem do conhecimento Kaingang, sob o qual, até o momento, foi definida a categoria Cosmos (C).

No processo de agrupamento dos termos em categorias, processo este totalmente orientado pelos professores e pesquisadores Kaingang, foi constatado que diversos termos ligados aos rituais Kaingang não se enquadram em nenhuma das categorias P.M.E.S.T., pelo fato de tais termos não serem, na perspectiva desse povo, manifestação nem de personalidade, nem de matéria, nem de energia, nem de espaço e nem de tempo. Isso evidencia que a definição prévia de categorias adotadas pela Organização do Conhecimento não é suficiente para compreender ou abarcar conhecimentos tradicionais indígenas.



Como apresentado anteriormente, a cultura, a língua, a oralidade, os rituais e a prática de vida nas comunidades Kaingang compõem juntas uma cosmovisão impossível de ser examinada isoladamente, como comumente ocorre nos moldes ocidentalizados de Organização do Conhecimento. Por esta razão, acolhemos para o vocabulário controlado uma categoria que emergiu dos próprios pesquisadores Kaingang, a categoria Cosmos (C). Apesar de ter sido definida, até o momento, apenas uma categoria para o vocabulário controlado, ressaltamos que pode haver mais estudos sobre categorias e conceitos criados pelos Kaingang no decorrer ainda da construção deste vocabulário. Neste caso, a categoria cosmos pode ser considerada a mais expressiva do conhecimento Kaingang. Cosmos corresponde à cosmologia, à cosmovisão, à forma de pensar. Em outras palavras, tudo que é abstrato para a cultura Kaingang pode fazer parte desse conceito. *Vēnhkuprīg* (espíritos) é o maior exemplo de um termo Kaingang pertencente à categoria cosmos. Esta fase de agrupar os termos por categorias se encontra ainda em estudo, justamente pela compreensão de que as categorias ranganathanianas não são extensivas ao saber e ao pensamento Kaingang. Até momento, a categorização realizada está exposta no Quadro 2 (abaixo), o qual dá primazia justamente à categoria ‘cosmos’. Dado a fato de que esta categoria, que emergiu dos próprios pesquisadores Kaingang, alcança tanto profundidade quanto abrangência no pensamento Kaingang, ela encabeçará nosso esquema categorial.

**Quadro 2:** Arranjo Categorial em estudo/em construção

Categorias	Termos
Cosmos (C)	Vēnhkuprīg: Espíritos



Personalidade (P)	Kaingang: Etnia, povo indígena Kujá: Curandor Péj: Rezador Kamē: Marca exogâmica comprida Kanhru: Marca exogâmica redonda Rá nynor: Marca comprida Jěnky mág: Boca grande ou marca redonda Jagrē: Guias espirituais Kófas: Velhos
Matéria (M)	Kokéj: Cocho Sygsy: Chocalho Turu: Sopro Ki Húnh Fã: Apito Kruj: Cruz No sî: Zarabatana
Energia (E)	Věnhkuprīg: Espíritos Kiki Koj: Ritual aos mortos
Espaço (S)	Iamã sî: Aldeia Věnhkej: Cemitério Pî: Fogo
Tempo (T)	Kuty: Noite Prÿg Kusa: Inverno Prÿg Ki Katfėj Vár Fē: Outono

**Fonte:** Elaborado por Adriana Biazi, João Emílio e Terezinha Ercigo, 2022.

É importante frisar que como esta fase de categorizações se encontra ainda em desenvolvimento, nada nos impede de reformularmos os posicionamentos terminológicos de acordo com novas definições e percepções colocadas pelo pensamento Kaingang, uma vez que é o conhecimento Kaingang que pretendemos aqui representar. Isso significa que as categorias P.M.E.S.T., dadas como ponto de partida para este estudo, podem ser revistas e mesmo excluídas, se assim o conhecimento Kaingang exigir.

Logo após o término do agrupamento categorial, vislumbramos, como quinta e última etapa da construção do Vocabulário Controlado em Rituais Kaingang, a elaboração da rede de remissivas que estabelecerá as relações semânticas e coordenadas dos 51 termos do



vocabulário. Esta etapa será desenvolvida na continuidade deste estudo e publicada no decorrer do ano de 2023.

### **Considerações**

Nosso compromisso neste estudo é, primeiramente, respeito e compreensão sobre o contexto cultural do povo Kaingang, principalmente por meio da construção de um vocabulário específico em rituais Kaingang, destacando o ritual *Kiki Koj*. Defendemos que saberes e conhecimentos só são efetivamente respeitados quando visibilizados e representados em suas línguas originais, o que permite manter vivas e resistentes suas próprias existências.

Quando tomamos como ponto de partida princípios teóricos e categorias de pensamento formuladas academicamente com pretensões universalizantes esbarramos na primeira grande dificuldade, ou melhor, no primeiro grande problema, a colonização das categorias. É flagrante como as formas consagradas de se organizar o conhecimento são impositivas e desconhecedoras dos conhecimentos tradicionais indígenas. A construção deste vocabulário de rituais Kaingang tem nos mostrado que a Organização do Conhecimento, enquanto espaço investigativo, necessita de uma desconstrução urgente e de uma busca incessante pela descoberta, ou melhor, pela identificação e compreensão de novas formas de pensar e enxergar o mundo. Por esta razão, ainda que experimentalmente, estamos tentando aproximar técnicas de organização do conhecimento (acadêmica) para melhor compreender formas reais de organização do conhecimento Kaingang. É o povo Kaingang quem organiza o conhecimento Kaingang.

Temos clara a noção de que este esforço de representação e visibilização sobre os rituais Kaingang não chegará nem perto da essência e da complexidade dos rituais Kaingang, mas acreditamos que a continuidade deste estudo e deste vocabulário pode, por um lado, trazer uma amostra do conhecimento e da língua Kaingang aos sistemas de informação e, por outro lado, ajudar a desconstruir e descolonizar o campo da Organização do Conhecimento.





## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Franciso Lopes de; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. O controle de vocabulário da linguagem orgânico-funcional: concepção e princípios teórico-metodológicos. *Acervo - Revista do Arquivo Nacional*, v. 25, n. 1, p. 117-138, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/44624>. Acesso em: 20 jul. 2022.
- AMBROSETTI, Juan B. Los indios Kaingángues de San Pedro (Misiones), con un vocabulario. Buenos Aires: *Revista del Jardín Zoológico de Buenos Aires*, 1895, tomo II, ent. 10, p. 305-387.
- BANDEIRA, Toni Juliano. Aspectos da língua Kaingang - aspects of kaingang language. 22 ed. *Travessias*. v. 08, n. 03, 2014.
- BENTO, Derli; EMILIO, Solange. Ritual da viúva Kaingang na terra indígena Guarita. Monografia (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica). Florianópolis: UFSC. 2014.
- BIAZI, Adriana Aparecida Belino Padilha De. Espiritualidade e conhecimentos da mata na formação dos especialistas de cura Kaingang da Terra Indígena Xapecó/SC. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Florianópolis: PPGAS/UFSC. 2017.
- BIAZI, Adriana A B P de. O lugar da memória na mitologia e a relação com os rituais Kaingang da Terra Indígena Xapecó/SC. *Anais... Semana Acadêmica de História (UDESC)*, Florianópolis, 2019. *Anais Semana Acadêmica de História*, 2019.
- BIAZI, Adriana Aparecida Belino Padilha de. Os especialistas Kaingang e sua relação com o território tradicional envolvendo suas práticas de cura e de formação espiritual. *X Encontro Regional Sul de História Oral (UFPR)*, Curitiba, 2019. *Anais do X Encontro Regional Sul de História Oral*, 2019.
- BIAZI, Adriana Aparecida Belino Padilha De; ERCIGO, Terezinha Guerreiro. A formação do kujá e a relação com seus guias espirituais na Terra Indígena Xapecó/SC. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica). Florianópolis: UFSC. 2014.
- BORBA, Têlemaco. Actualidade indígena. Typ e Lytog. A Vapor Impressora Paranaense. Paraná; Curitiba Brasil, 1908.
- BRASCHER, Marisa; CAFÉ, Lígia. Organização da Informação ou Organização do Conhecimento? *Anais... ENANCIB, IX*, 2008, São Paulo. Disponível em: <http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/handle/123456789/809>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- CARLAN, Eliana; MEDEIROS, Marisa Bräscher Basílio. Sistemas de Organização do Conhecimento na visão da Ciência da Informação. *RICI: Revista Ibero-Amerericana em Ciência da Informação*, Brasília, v. 4, n. 2, p. 53-73, ago. 2011. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12867/1/ARTGO\\_SistemasOrganizacaoConhecime nto.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12867/1/ARTGO_SistemasOrganizacaoConhecime nto.pdf). Acesso em: 11 maio 2022.



- CIPRIANO, Valmir. Reflexões sobre práticas de ensino bilingue Kaingang e português na terra indígena Inhacorá. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica). Florianópolis: UFSC. 2020.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. Cultura com aspas, e outros ensaios. SP. Ed. Cossac Naif, 2009.
- CRÉPEAU, Robert. A prática do xamanismo entre os Kaingang do Brasil meridional: Uma breve comparação com o xamanismo Bororo. Horizontes Antropológicos. v. 18, n.8. p: 113-129. 2002.
- CRÉPEAU, Robert. Mito e ritual entre os índios Kaingang do Brasil meridional. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre: Ano 3, n. 3, p.173-186. 1997.
- D'ANGELIS, Wilmar R. & VEIGA, Juracilda (1995). Bilingüismo entre os Kaingáng: situação atual e perspectivas. Comunicação ao IV Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada. Campinas, Unicamp, 4-6 set. 1995. Publicada em L.T. Mota el alii. Uri e Wãxi. Estudos interdisciplinares dos Kaingáng. Londrina: Ed. UEL, 2000, pp. 307-326.
- D'ANGELIS, Wilmar R. Kaingáng: questões de língua e identidade. LIAMES 2 - p. 105-128, Primavera 2002.
- DAHLBERG, I. Current trends in Knowledge organization. In: Garcia Marco F. J. (Org.). Organización del conocimiento em sistemas de información y documentación. Zaragoza: Universidad de Zaragoza. 1995, p. 7-25.
- DAHLBERG, I. Knowledge organization: a new science? Knowl. Org. v. 33, n. 1, 2006, p. 11-19.
- DAHLBERG, I. Knowledge organization: its scope and possibilities. Knowl. Org. v. 20, n. 4, 1993, p. 211-222.
- DAHLBERG, I. What is knowledge organization. Knowl. Org, v. 40, n. 1, 2014, p. 85-91.
- DODEBEI, Vera Lucia Doyle. Tesouro: linguagem de representação da memóriadocumentária. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2002. 119 p.
- FOSKETT, A.C. A abordagem temática da informação. Tradução de Antônio Agenor Briquet de Lemos. São Paulo: Polígono; Brasília: Ed.UnB, 1973.
- GARCIA, S. M. M.; OLIVEIRA; LUZ, G. M. S. Knowledge organization for query elaboration and support for technical response by the internet In: Dynamism and stability in knowledge organization: Proceedings of the Sixth International ISKO Conference Würzburg: Ergon. 2000. p.189.
- GARCÍA GUTIÉRREZ, A. L. Knowledge organization from a culture of the border: towards a transcultural ethics of mediation. In: Challenges in knowledge representation and organization for the 21st century: integration of knowledge across boundaries: Proceedings of the Seventh International ISKO Conference. Würzburg: Ergon, 2002, p.518.
- GAYTÁN ZAMUDIO, R. M. Violencia epistémica y creación de subjetividades coloniales. In: Verónica Renata López Nájera (Coord.). De lo poscolonial a la descolonización:



genealogías latino-americanas. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2018, p. 28-43.

KUPER, Adam. 2002. Cultura, a visão dos antropólogos. Bauru, SP: EDUSC.

GAKRAN, N. Aspectos morfossintáticos da língua Laklãnõ (Xokleng) “Jê”. Campinas, 2005, 123 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

GREEN, R. Conceptual universals in knowledge organization and representation In: Challenges in knowledge representation and organization for the 21st century: Integration of knowledge across boundaries: Proceedings of the Seventh International ISKO Conference. Würzburg: Ergon, 2002, p.15.

HANKE, W. Apuntes sobre el idioma Caingangue de los Botocudos de Sta. Catarina, Brasil. Arquivos do Museu Paranaense. [S. l], v. 6, p. 61-97, 1947.

HJORLAND, B. Fundamentals of knowledge organization. Knowl. Org. v. 30, n. 2, p. 87-111, 2003.

HJORLAND, B. What is knowledge organization (KO)? Knowl. Org. v. 35, n. 3/2, p. 86-111, 2008.

HODJE, G. Systems of Knowledge Organization for Digital Libraries: beyond traditional authority files. Washington, DC, Council on Library and Information Resources. 2000.

KENT, R. E. The information flow foundation for conceptual knowledge organization In: Dynamism and stability in knowledge organization: Proceedings of the Sixth International ISKO Conference. Würzburg: Ergon. 2002, p. 111.

KOBASHI, Nair Yumiko. Vocabulário controlado: estrutura e utilização. estrutura e utilização. 2008. Disponível em: <https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/1289/41/Vocabulario%20controlado%20-%20estrutura%20e%20utilizacao.pdf>. Acesso em: 11 maio 2022.

KRENAK, Ailton. Antes, o mundo não existia. In: NOVAES, Adauto (org.). Tempo e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 202 – 205.

NIMUENDAJU, C. Etnografia e indigenismo: sobre os Kaingang, os Ofaié-Xavante e os índios do Pará. Marco Antonio Gonçalves (org.). Campinas: UNICAMP, 1993.

MONTEIRO, John Manuel. O Desafio da História Indígena no Brasil. In: SILVA, Aracy Lopes e GRUPIONI, Luis Donisete Benzi (Organização). A Temática Indígena na Escola – Novos Subsídios para Professores de 1º. e 2º. Graus. Brasília: UNESCO, 1995, p. 221-228.

MOTA, Lúcio Tadeu. As guerras dos índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang do Paraná (1769-1924). 2. ed. Maringá: Eduem, 2009.

OLIVEIRA, Maria Conceição de. Os curadores Kaingáng e a recriação de suas práticas: Estudo de caso na Aldeia Xapecó (oeste S. C.). Dissertação do Mestrado em Antropologia Social. Florianópolis: PPGAS/UFSC. 1996.

RANGANATHAN, S. R. Colon classification. 6. ed. Bombay; Calcutta; New



- Delhi; Madras; Lucknow; Bangalore; London; New York: Asia Publishing House, 1976.
- RANGANATHAN, S. R. Prolegomena to library classification. Bombay: Asia Publishing House, 1967.
- RIBEIRO, S. Sonho manifesto: dez exercícios urgentes de otimismo apocalíptico. São Paulo: Companhia da Letras, 2022.
- RODRIGUES, A. D. Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1986.
- ROSA, Rogério Reus Gonçalves da. A dinâmica do xamanismo Kaingang- À memória do pã'í Vicente Fernandes Fokanh. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 8, n. 2, p. 79-103.2005.
- SALES, R. Ranganathan e a mudança no trajeto das classificações de biblioteca. In: LUCAS, Elaine Rosângela de Oliveira; CORRÊA, Elisa Cristina Delfini; EGGERT-STEINDEL, Gisela. As contribuições de Ranganathan para a Biblioteconomia: reflexões e desafios. São Paulo: FEBAB, 2016. p. 57-71.
- SALES, R. Tesauros e ontologias sob a luz da Teoria Comunicativa da Terminologia, 2008. 164 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- SALES, R; CAFÉ, L. Diferenças entre tesauros e ontologias. Perspectivas em Ciência da Informação, v. 14, n. 1, p. 99-116, jan./abr./2009. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pci/v14n1/v14n1a08.pdf>. Acessado em: 10 jul. de 2017
- SANTOS, Carlos José Ferreira dos. Histórias e culturas indígenas? alguns desafios no ensino e na aplicação da lei 11.645/2008: de qual história e cultura indígena estamos mesmo falando?. História e Perspectivas, Uberlândia (53): 179-209, jan./jun. 2015.
- SOUZA, R. R.; TUDHOPE, D.; ALMEIDA, M. B. The KOS spectra: a tentative faceted typology of knowledge organization systems. In: Paradigms and conceptual systems in knowledge organization: Proceedings of the Eleventh International ISKO Conference. Würzburg: Ergon, 2010, p.122.
- VICKERY, B. C. Classificação e indexação nas ciências. Tradução de M. C. G. Pirolla. Rio de Janeiro: BNG/Brasilart, 1980. 274p. (Coleção biblioteconomia, documentação, ciência da informação).
- WIESEMANN, Ursula Gojtéj. Introdução à língua Kaingáng. Rio de Janeiro: Summer Institute of Linguistics (SIL), Arquivo do setor Lingüístico do Museu Nacional. RJ, 1967.
- WIESEMANN, Ursula Gojtéj. Kaingang-Português Dicionário Bilingüe. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.
- WIESEMANN, Ursula Gojtéj. Os dialetos da língua Kaingáng e o Xokléng. Arquivos de Anatomia e Antropologia. Rio de Janeiro, v. III, p. 198-217, 1978.



ZHEREBCHEVSKY. Formalism in knowledge organization. In: Paradigms and conceptual systems in knowledge organization: Proceedings of the Eleventh International ISKO Conference. Würzburg: Ergon, 2010, p. 98.